

Pesquisa, ensino e relações interculturais: os professores franceses no Brasil

Rachel Esteves Lima | UFBA

Resumo: O ensaio tem como objetivo analisar a participação das missões francesas no processo de fundação da universidade brasileira, nos anos 1930, destacando, dentre os professores que delas fizeram parte, a figura de Roger Bastide, considerada no texto como exemplar, no que se refere à forma como foram vivenciados por esses mestres os contatos interculturais, durante o período em que eles aqui trabalharam.

Palavras-chave: Missões francesas no Brasil, interculturalidade, Roger Bastide.

No artigo intitulado “Ciências, impérios, relações científicas franco-brasileiras”, Patrick Petitjean situa no século XIX a transição entre uma visão internacionalista sobre o desenvolvimento da ciência para um nacionalismo científico que se mostraria cada vez mais forte, ao longo do século. Se até então o modelo universalista da organização do trabalho científico prevalecia, as novas demandas geradas pela Revolução Industrial impõem uma concepção utilitária de ciência, menos relacionada com os aspectos culturais nela envolvidos e mais próxima dos imperativos político-econômicos, inerentes ao processo de expansão imperial. O fortalecimento dos Estados europeus nutre-se, por sua vez, de um nacionalismo

cultural, que se faria acompanhar da “consciência do papel da ciência nas relações de força entre as nações”,¹ promovendo-se, daí em diante, a criação de uma rede de instituições e de intercâmbios científico-culturais como forma de gerar grupos de pressão, em eventuais situações de conflito entre os países. Mediante a crescente rivalidade existente entre as potências europeias, urgia a implementação de medidas que visassem à expansão do campo de influência de cada uma delas no além-mar, consistindo a América Latina, segundo o autor, num “terreno de predileção” para essas investidas. No caso da França, que constitui o foco deste trabalho, a criação da Aliança Francesa, ao final do século XIX, assim como a do *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour Relations avec Amérique Latine*, em 1907, atendem ao objetivo de contribuir para a “missão civilizadora” encampada por uma elite intelectual formada pelos ideais iluministas da Revolução Francesa. Tais instituições realmente viriam a assumir uma importância capital nos contatos entre os dois continentes e, no que se refere ao Brasil, a criação das universidades locais segundo o modelo francês seria, em grande medida, uma consequência do trabalho por elas desenvolvido. Tendo como um dos seus principais representantes o Prof. George Dumas, o *Groupement*, além de garantir, quando da missão realizada no Brasil em 1922 durante as comemorações do centenário da Independência, o acordo para a fundação do Instituto Franco-brasileiro de Alta Cultura, que viria a ocorrer no ano seguinte, atuou incansavelmente para a contratação dos professores franceses no momento da fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, instituição que se transformaria em modelo para as demais do país. Ressalte-se a presença dos professores franceses também na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, assim como a participação de Émile Bréhier no projeto da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais.²

Não obstante, pode-se dizer que, naquele momento, a presença francesa no Brasil já se encontrava bastante consolidada. Com efeito, o próprio Petitjean, num esforço de sistematização de sua análise sobre as relações científico-culturais estabelecidas entre França e Brasil, enumera duas fases anteriores à criação do *Groupement*, que vão da participação das missões dos naturalistas no processo de exploração da natureza tropical, sem uma definição precisa dos papéis socioprofissionais de seus integrantes, à contribuição francesa para a fundação das primeiras instituições de caráter técnico-científico na passagem do reinado de Dom

1. PETITJEAN. Ciências, impérios, relações científicas franco-brasileiras, p. 31.

2. Cf. LIMA. *A crítica literária na universidade brasileira*.

Pedro II para a República, como o Observatório do Rio de Janeiro, a Escola Politécnica, a Escola de Minas em Ouro Preto, etc., locais onde o ideário positivista se espraiaria de maneira a impressionar até mesmo a intelectualidade do país no qual se origina tal corrente filosófica. Da mesma forma, inúmeros trabalhos são unânimes em ressaltar a hegemonia da influência cultural francesa no Brasil, até pelo menos a Segunda Guerra Mundial.³ Dentre as iniciativas que normalmente são enumeradas, adquire relevo a Missão Artística Francesa, que, sob o mecenato de D. João VI, dá início, a partir de 1816, ao projeto de construção de um Liceu de Artes e Ofício, no Rio de Janeiro, empreendimento que visava à fundação de uma dupla escola, voltada para a formação de artistas e técnicos, o que só viria a se tornar realidade em 1856. Sumariando os prós e os contras dessa missão, que encontraria como empecilho para atingir o objetivo a que se propunha a resistência dos artistas nativos, praticantes de uma estética barroca, Ruy Gama afirmaria:

A missão deu, portanto, passos iniciais importantes no sentido do estabelecimento do ensino artístico e técnico no Brasil. Mas o fenômeno não estava isento de contradições. Se, por um lado, moderniza e inova o processo de transmissão dos conhecimentos técnicos, com seu modelo tecnocrático-pedagógico ensaiado num país onde ainda persistiam o trabalho escravo e o sistema corporativo (este último só foi abolido em 1824), por outro lado, estabelece o dirigismo estético do neoclassicismo francês, acentuando a evidência da dicotomia entre o pensar e o fazer, desconhecendo, quando não levando de roldão, as artes populares já existentes no país antes de sua chegada. O saber fazer das artes e ofícios coloniais sofre o impacto europeizante do prestígio da arte oficializada na academia.⁴

A influência das ideias revolucionárias francesas no processo que culminaria na independência brasileira, assim como na proclamação da República, é por demais conhecida para que nela nos detenhamos aqui. Servindo como apoio

3. Cf. CARELLI. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*; PETITJEAN. *As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo*; ROLLAND. *A crise de um certo universalismo: o modelo cultural e político francês no século XX*; SCHWARTZMAN. *Formação da comunidade científica no Brasil*; SEVCENKO. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*.

4. GAMA. *Cooperação pós-colonial*, p. 45-46.

à pretendida diferenciação em relação a Portugal e à defesa da modernização da estrutura social brasileira, o processo de afrancesamento de nossa vida cultural se intensifica na passagem do século XIX para o XX, no período que se convencionou chamar como *Belle Époque* tropical.⁵ Da mesma forma, foi ao modelo civilizacional francês que recorreram os mentores da universidade paulista, fundada em 1934, tendo como *celula mater* a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A criação dessa faculdade, assim como da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, fundada no ano anterior, atendia ao objetivo de formação de uma nova elite dirigente que buscaria recuperar para o estado de São Paulo o poder político perdido com os movimentos políticos de 1930 e 1932, conforme palavras de Júlio Mesquita Filho, principal idealizador da Faculdade de Filosofia: “Vencidos pelas armas, sabíamos perfeitamente que só pela ciência e pela perseverança no esforço voltaríamos a exercer a hegemonia que durante longas décadas desfrutáramos no seio da Federação.”⁶

A comissão encarregada de formalizar o projeto da universidade optou pela adoção do modelo francês, tomando a Sorbonne como exemplo a ser seguido. Simon Schwartzman credita esta escolha à formação eminentemente francesa dos dois principais articuladores da Universidade, Júlio de Mesquita Filho e Paulo Duarte. Teodoro Ramos, matemático de renome, partiu rumo à Europa para, em nome do Governo do Estado, contratar professores de prestígio internacional, o que nem sempre foi possível, dada a dificuldade em atrair aqueles com carreira já consolidada. Em sua tarefa, Teodoro Ramos contou com a ajuda de George Dumas e Paul Rivet. A consolidada imagem da França como uma nação voltada basicamente para o desenvolvimento da cultura, para o aperfeiçoamento das coisas do Espírito, contribuiu decisivamente para que um grande número de professores da Faculdade de Filosofia fossem dali procedentes. A importação de professores franceses para a área de Ciências Humanas – notadamente onde aquele país se sobressaía – visava, em princípio, a transmissão desses valores aos estudantes brasileiros e, posteriormente, a transformação de seus dons intelectuais numa produção racional e sistematicamente organizada. Na provocativa obra em que analisa a gênese e a consolidação de seu Departamento na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, Paulo Arantes, num exercício que não deixa de ser de autoironia, assim

5. NEEDEL. *Belle Époque tropical*.

6. Citado por FÁVERO. *Universidade & poder*; análise crítica/fundamentos históricos (1930-1945), p. 60.

se refere à forma como se instaura naquela instituição a filiação aos ideais ilustrados cultuados pela elite paulista responsável pela sua fundação:

(...) à sombra da modesta revolução cultural que vinha se desenrolando em São Paulo a partir dos anos 30, assistíamos a uma curiosa *Aufklärung* temporã, na qual a autonomia encarnada pela *Selbstdenken* (a máxima que mandava pensar por si mesmo) era aos poucos conquistada com os “ingredientes tomados avidamente aos estrangeiros”. Seguramente o lado menos conservador de nossa modernização retardatária.⁷

Aos professores franceses – nomes como Claude Lévi-Strauss, Paul Arbousse Bastide, Pierre Deffontaines, Robert Garric, Étienne Borne, Michel Berveiller, Roger Bastide, Fernand Braudel, Pierre Monbeig, Jacques Lambert e Jean Maugué – seria atribuída a difícil missão de domar as veleidades literárias de estudantes habituados à retórica bacharelesca e que, ao rigor do trabalho intelectual, opunham o cultivo de uma “erudição vazia”, incapazes, segundo conhecido perfil traçado por Lévi Strauss em *Tristes trópicos*, de estabelecerem os vínculos entre as mais recentes teorias e a tradição já constituída. À urgência em queimar etapas, desconsiderando o lento processo de amadurecimento das ideias, aliava-se o desinteresse pelo estudo das peculiaridades locais, como nos asseguram depoimentos de Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza, Décio de Almeida Prado, Lourival Gomes Machado, alguns dos ex-alunos a quem se referia o antropólogo – todos posteriormente consagrados em sua área de atuação. De acordo com eles, foi através do contato com tais professores que se introduziu no ensino brasileiro uma nova postura intelectual em que se destacam a utilização de técnicas de investigação científica; a valorização da reflexão pessoal, em detrimento de uma visão pseudoabrangente dos temas abordados; a definição de critérios metodológicos para a elaboração das análises e a necessidade de um maior investimento na compreensão dos problemas brasileiros.⁸

Aos estudantes caberia viver o paradoxo de voltar-se para a sua própria cultura através da mediação do olhar europeu. Tal condição, ao contrário do que se depreende da afirmação – talvez apressada – de Paulo Arantes, só pode ser considerada de menor importância se ainda se mantiver a crença na autonomia da esfera cultural em relação à política, atitude em que não incorre nem mesmo o

7. ARANTES. *Um departamento francês de ultramar*; estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60), p. 79.

8. Cf. FREITAS. *Reminiscências*.

autor de *Um departamento francês de ultramar*. E se a redescoberta do Brasil passava, ainda, pela Europa, o que se requer, hoje, é perceber se isso implicou o reforço das ideologias eurocêntricas ou se foi possível, como pretendia Florestan Fernandes, um dos poucos ex-alunos a relativizar a contribuição dos professores franceses, “receber o conhecimento sem fazer o papel do colonizado”.⁹ Evidentemente, tal questão é bastante complexa e não é nossa pretensão esgotá-la aqui, mas talvez seja possível contribuir para o avanço das discussões se procurarmos recuperar o exemplo fornecido pela estratégia antropofágica desenvolvida pelas vanguardas modernistas, assim como as diferentes posturas críticas de alguns dos professores franceses, no que diz respeito à maior ou menor aceitação das formas culturais produzidas pela sociedade que os recebia. Se levarmos em conta os depoimentos de vários dos intelectuais formados na primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, consideramos que se repetiu no contato entre alunos brasileiros e professores franceses o que antes havia ocorrido através das relações estabelecidas entre os artistas europeus e os modernistas brasileiros. Em ambos os casos, o investimento no conhecimento de nossa tradição e de nossas peculiaridades se deu graças à mediação do olhar estrangeiro. No que se refere aos modernistas, basta lembrarmos que a consciência da necessidade de se preservar a “primitiva” cultura brasileira decorreu de uma viagem que eles fizeram a Minas Gerais, em 1924, acompanhados por Blaise Cendrars.¹⁰ O resultado desses contatos ultrapassou a mera importação de modismos por parte dos brasileiros, e também foi benéfico no que diz respeito ao trabalho a ser futuramente desenvolvido pelos estrangeiros. Como lembra Haroldo de Campos, no ensaio “Da razão antropofágica”, entre poetas como Oswald e Cendrars não existiu uma relação de mera submissão do brasileiro aos valores europeus, mas, sim, um processo de influências recíprocas, traduzidas pelo crítico como o resultado de uma “transculturação” ou “transvaloração”¹¹ que envolvia as duas partes. De forma análoga, pode-se dizer que, mesmo do lado dos professores estrangeiros, o estágio

9. FERNANDES. *A contestação necessária*, p. 194.

10. Como nos lembra Antonio Candido, os modernistas reencontraram “a influência européia por um mergulho no detalhe brasileiro”. In: CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 121. O retorno dos modernistas à tradição foi analisado em sua vinculação com a viagem que fizeram a Minas por Silvano Santiago. In: SANTIAGO. *Nas malhas da letra*, p. 94-123.

11. CAMPOS. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira, p. 109-110.

no Brasil foi produtivo, contribuindo para que alguns deles se destacassem posteriormente no cenário cultural internacional. Nesse sentido, é interessante notar como, transcorridos quase sessenta anos da sua estadia no Brasil, Lévi-Strauss passasse a lembrar de forma saudosa aquele período em que conheceu os “tristes trópicos” e em que iniciou o trabalho de etnologia que questionaria o etnocentrismo até então em vigor. Além da publicação, em 1994, de seu livro *Saudades do Brasil*, em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, em 1997, Lévi-Strauss reafirmaria a importância de Mário de Andrade, ao lado de quem participou de sua primeira campanha em favor dos estudos etnológicos.¹² A convivência com o “outro” revelou-se, portanto, enriquecedora para os dois lados envolvidos nas relações interculturais. Para ilustrar essa afirmação, lembramos, ainda, que, segundo Fernando Novais, o Prof. Braudel afirmava que “se tornou inteligente no Brasil, em São Paulo especialmente”.¹³

No que se refere à avaliação das manifestações culturais locais, tomemos a demarcação das diferentes formas de apreciação da arte assumidas por Jean Maugüé, Lévi-Strauss e Roger Bastide, realizada por Gilda de Mello e Souza no artigo “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”. Segundo a autora, Maugüé e Lévi-Strauss, enquanto dignos representantes da alta cultura europeia, limitavam-se à valorização do clássico, voltados para a mimesis da realidade, nostálgicos da relação harmoniosa entre o homem e a natureza, em que vislumbravam um ideal absoluto de beleza. Já Roger Bastide, ao se voltar para o estudo da realidade e das manifestações culturais de nosso país – como o Barroco e a cultura afro-brasileira, por exemplo – aproximava-se da estética modernista, uma estética de antropólogo, expressa na valorização do primitivismo vanguardista, cuja descrença na Razão ocidental conhecia bem. Ao contrário de seus colegas, que mantinham o olhar distanciado, centrado nos valores eternos do universo da arte europeia, caracterizado pela autora como uma estética *rica*, Bastide direcionou o seu olhar para dentro do país que o acolhera, libertando-se, segundo suas próprias palavras, “de uma mentalidade alicerçada em três séculos de cartesianismo”,¹⁴

12. Cf. GAUDEMAR. Ele colocou a questão da identidade brasileira.

13. NOVAIS. Braudel e a “missão francesa”, p. 161. Conferir também a relação estabelecida por Peter Burke entre a Nova História e o ensaísmo de Gilberto Freyre em: BURKE. Gilberto Freyre e a Nova História.

14. BASTIDE. *Estudos afro-brasileiros*, p. X. Em depoimento, Florestan Fernandes afirma que Roger Bastide foi, à época, o único professor estrangeiro a se “descolonizar” no Brasil. Cf. FERNANDES. *Língua e Literatura*, p. 101.

valorizando a estética *pobre* de um país periférico e questionando qualquer axiologia que pretendesse erigir um único padrão para o Belo.¹⁵

As diferenças apresentadas, notadamente por Lévi-Strauss e Roger Bastide, podem ser apontadas também no que se refere aos estudos antropológicos. Se ambos contribuíram para dissipar a crença na irracionalidade dos mitos e rituais de culturas consideradas primitivas, o segundo opõe à perspectiva sincrônica do autor de *O pensamento selvagem*, eleita como recurso para a definição de um modelo universal de simbolização, a visada histórica, despojada – é necessário esclarecer – dos esquematismos deterministas. Partindo dessas diferenças, talvez se possa compreender a opção do objeto de estudo de cada um dos dois pensadores, pois, enquanto Bastide se voltou, preferencialmente, para a religião, a literatura e o folclore de negros inseridos à força numa cultura alheia, procurando entender como se processava a “interpenetração de civilizações”, Lévi-Strauss preferiu estudar o índio (normalmente mais identificado ao reino da natureza e, conseqüentemente, a uma pureza originária), ainda que viesse a dissolver tais dicotomias no desenvolvimento de sua teorização. Evidentemente, essas preferências não podem ser explicadas de maneira esquemática, mas há que se considerar que o próprio Bastide aponta os limites da objetividade da investigação científica, reconhecendo os fatores individuais que interferem no processo de escolha e análise dos objetos pesquisados. Afirma ele, em *Relações entre negros e brancos em São Paulo*, obra que escreveu em parceria com Florestan Fernandes:

Consciente de que o papel de professor não era apenas dar cursos, mas orientar e fazer realizar pesquisas pelos nossos estudantes, notamos que as observações objetivas, e até mesmo estatísticas, feitas com eles e ao mesmo tempo que eles, no meio que estudávamos, apresentavam diferenças mais ou menos profundas, fosse na escolha, fosse na elaboração dos dados. (...) Era fácil então perceber que os conflitos individuais, de que por vezes encontramos as raízes em certas situações infantis, repercutiam até na atividade científica; de lá a generalizar esta constatação para todos os sociólogos, e primeiramente para nós mesmos, o passo a dar não era grande.¹⁶

Curiosamente, justo nessa obra o mestre e seu discípulo se desentenderam quanto à questão da democracia racial. Para Bastide, que já havia

15. Cf. SOUZA. *Exercícios de leitura*.

16. Citado por QUEIROZ. *Roger Bastide*, p. 68.

passado pelo encantamento que resultou no/do estudo dos ritos do candomblé na Bahia, era perfeitamente aceitável o aproveitamento de duas linhas interpretativas – a antropológica e a marxista –, dado que as religiões afro-brasileiras podiam ser compreendidas tanto como expressão do dualismo estrutural da sociedade brasileira quanto como engendradoras de novas formas sociais. Já para Florestan Fernandes, cuja experiência pessoal foi marcada pelo pertencimento a uma camada social espoliada, não se mostrava justificável nenhum recurso à cultura que pudesse nuançar o processo de exploração imposto à sua classe de origem.¹⁷ Já se prenunciava aqui a sua disposição de caminhar rumo a análises de feição eminentemente sociológico, relegando a segundo plano o estudo do folclore, que constituíra seu interesse inicial no curso de Ciências Sociais. Enquanto esteve à testa da cadeira de Sociologia I, Florestan, ao contrário de Bastide, acabaria por refutar a dicção ensaística da geração de pensadores que o precedeu e que poderia colocar em causa o rigor cientificista que impusera não apenas ao seu trabalho, mas ao de todos sob seu comando,¹⁸ fato hoje reiterado em depoimento concedido por Fernando Henrique Cardoso, seu discípulo mais famoso.¹⁹

A sociologia uspiana, até os anos 1960, embora quase sempre voltada para a questão do negro e sua inserção na sociedade de classes, colocou à margem a tradição ensaística, que marcou os escritos de Bastide e que, no Brasil, teve seu apogeu nos anos 1930. Tal fato não passou despercebido para Gilberto Vasconcelos, que talvez tenha até mesmo carregado nas tintas, ao afirmar que, na universidade paulista,

o imaginário que preponderou não foi o afro-sociodrama de Roger Bastide, o seu *áfrica sum*, que o levou ao interesse religioso pelo candomblé, mas a *sociologia* crítica de Florestan Fernandes, em cujo *padrão de trabalho* científico, alicerçado em sofisticadas metodologias produzidas nos mais diversos centros internacionais – surpreende-se certo mal-estar em relação ao nacionalismo brasileiro.²⁰

17. Cf. FERNANDES. Entrevista a José Luís Silva, p. 4.

18. Cf. PONTES. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo* (1940-1968); SOARES. *Florestan Fernandes: o militante solitário*.

19. Cf. CARDOSO. A revanche do professor [Entrevista a Marcos Augusto Gonçalves e Fernando de Barros e Silva], p. 6.

20. VASCONCELOS. *O príncipe da moeda*, p. 75. Acredito que, aqui, certamente caberia uma análise mais detida das bases teóricas do pensamento de Florestan Fernandes, evitando-se recair em simplificações.

De qualquer forma, é inegável a supremacia exercida, durante décadas, pelo pensamento pautado no materialismo histórico sobre o ecletismo teórico que caracteriza o ensaísmo moderno, não apenas na USP. É digna de nota, nesse sentido, a mudança no tratamento dado pelos trabalhos acadêmicos que releem a história das ideias no Brasil às obras que precederam a publicação, em 1942, do livro de Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil contemporâneo*, considerado o marco inaugural dos estudos marxistas sobre o País e o responsável pela deflagração do processo de crítica às interpretações que conferiam valor à originalidade da formação heterogênea da cultura brasileira. Como nos lembra Ana Maria Roland,

segundo a nova crítica universitária, inicia-se o predomínio da “crítica sociológica”, a qual tende a classificar as grandes obras do ensaísmo como ideologias do colonialismo (ou como ideologia em sentido genérico). Nessa tendência estão *O caráter nacional brasileiro*, de Dante Moreira Leite; *Ideologia da cultura brasileira*, de Carlos Guilherme Mota; *Ideologia do colonialismo*, de Nelson Werneck Sodré.²¹

A hipervalorização da atividade científica promovida por tais obras, empenhadas em desvalorizar o hibridismo metodológico presente no ensaísmo brasileiro, não se coaduna, realmente, com a posição de Roger Bastide, que não apenas promoveria uma leitura contrapontual de toda a tradição crítica e sociológica brasileira, comportando-se como um “verdadeiro etnógrafo da inteligência local”,²² como consideraria que “ciência e poesia devem caminhar de mãos dadas”,²³ lembrando, ainda, que a dialética social superaria a dialética marxista. Em seu trabalho, embora reconhecesse a força da estrutura social na formação dos valores, Bastide insistia acreditando que tais valores se desenvolveriam num processo dinâmico, através do qual o indivíduo deixaria de ser visto como um eterno refém da coerção social, instaurando um conceito de dialéticas (no plural), entendidas

21. ROLAND. *Fronteiras da palavra, fronteiras da história*, p. 136. Em sua obra, a autora critica veementemente essa posição, analisando os esquemas interpretativos adotados pelos historiadores do pensamento social brasileiro citados, cuja hegemonia só recentemente começou a ser questionada.

22. PEIXOTO. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*, p. 48.

23. Citado por QUEIROZ. *Roger Bastide*, p. 67.

como “o intercâmbio entre o homem criativo e o peso dos determinismos sócio-econômicos”, ou, no dizer de Maria Izaura Queiroz, sua mais fiel discípula, “entre o ser único e as forças que pressiona[va]m no sentido das identificações”.²⁴

Em ensaio no qual discorre sobre a capacidade de três cientistas sociais que atuaram por longo tempo na Universidade de São Paulo (Lambert, Monbeig e Bastide) de ampliarem suas referências teóricas para a compreensão dos fenômenos referentes ao contexto brasileiro que estudavam, Queiroz destaca, ainda, a flexibilidade e a abertura ao outro demonstradas por Bastide, recuperando a defesa que esse estudioso faz, na obra *Brasil: terra de contrastes*, da necessária relativização do conhecimento previamente adquirido para lidar com um processo diferencial e dinâmico de modernização:

O sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. As épocas históricas emaranham-se umas nas outras. Os mesmos termos como *classe social* ou *dialética histórica* não têm o mesmo significado. Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpenetração, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação.²⁵

Ao potencial criativo inerente a todo indivíduo no processo de construção da realidade, Bastide creditava a capacidade que o homem possui de promover um “acrescentamento de ser”,²⁶ aprendido que se fizera nos terreiros do candomblé baiano, ao perceber que os rituais religiosos afro-brasileiros dramatizavam um pertencimento vivido sem dilaceramento, pelo negro, a duas civilizações distintas. Tal experiência, profundamente incorporada pelo sociólogo francês, que passaria a agregar à sua condição de protestante a de filho de Xangô, antecipa em muito a valorização da esquizofrenia como um recurso potente para refutar a tese da uniformização cultural que estaria ocorrendo a partir da intensificação dos processos migratórios, situação recentemente relida na América

24. QUEIROZ. *Roger Bastide*, p. 69.

25. BASTIDE citado por QUEIROZ. *Roger Bastide*, p. 246.

26. DUVIGNAUD. Introdução à edição francesa de 2000, p. 341.

Latina a partir do conceito de “heterogeneidade cultural não-dialética”, desenvolvido por Antonio Cornejo-Pollar.²⁷

Já na década de 1940, a cultura nordestina levava Bastide a demonstrar o que, hoje, é uma evidência às vezes até mesmo aterrorizante, pois, como nos lembra Clifford Geertz, em sua análise sobre os efeitos da mundialização ora em curso, “quanto mais as coisas se juntam, mais ficam separadas: o mundo uniforme não está muito mais próximo do que a sociedade sem classes”.²⁸

Ao perceber que a ciência e as metodologias de pesquisa ocidentais mostravam-se limitadas para a compreensão da riqueza da cultura brasileira, Bastide reconhecera o valor epistemológico do *candomblé*, por ele considerado uma filosofia, comportando-se como alguém capaz de “redescobrir a inocência do olhar da criança que constata, por vezes imita, e não julga”.²⁹ Assumindo essa perspectiva, não restaria, sem dúvida, lugar para a compreensão da identidade como uma unidade estável ou uma meta a ser atingida.

Para concluir, talvez seja possível dizer que, na atual fase de globalização, cujo potencial para subsumir os propósitos nacionalistas inerentes ao segundo momento de aproximação entre a França e o Brasil não pode ser visto como descartável, talvez seja o exemplo de Bastide, dentre todos os nomes que participaram das missões aqui abordadas, a principal referência para inspirar, hoje, uma relação intercultural que seja efetivamente dialógica e que aposte na ilimitada capacidade humana de resistência ao processo de homogeneização do mundo.

27. Por esse conceito, Cornejo-Pollar compreende a capacidade do sujeito migrante de proferir um discurso duplamente situado, de falar a partir de dois lugares distintos, numa perspectiva não sincrética das experiências vivenciadas por ele. Curiosamente, Maria Izaura Pereira de Queiroz dá o seguinte depoimento acerca de Bastide: “Quando regressou à França, e até o fim de sua vida, nas aulas e nas palestras surgiam subitamente termos nacionais afrancesados, deixando seus ouvintes perplexos; por exemplo, não foi mais capaz de dizer *les négrillons*, dizia invariavelmente *os prétinbes*; não lhe ocorria mais o termo *porte cochère*, saía sempre *os portons*... Era uma outra forma de mostrar o apego ao Brasil”. QUEIROZ. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo, p. 218.

28. GEERTZ. *Nova luz sobre a antropologia*, p. 217.

29. DUVIGNAUD. Introdução à edição francesa de 2000, p. 344.

Research, teaching and cross-cultural relationships: French professors in Brazil

Abstract: The essay seeks to analyse the role played by the French missions in the establishment of the Brazilian university education in the 1930s, highlighting, among the professors who took part in them, the figure of Roger Bastide, regarded in the text as exemplary if one considers the manner in which those masters experienced the cross-cultural contacts during the period when they worked here.

Keywords: French missions in Brazil, Interculturality, Roger Bastide.

Referências

- ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar*; estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60). São Paulo: Paz e Terra, 1994. 316 p.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1983. 408 p.
- BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 379 p.
- BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a Nova História. *Tempo Social*: Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12, out. 1997. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/tempo-social/mostraArtigo.php?id=142>>. Acesso em: 10 maio 2009.
- CAMPOS, Haroldo. Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, v. 44, n. 1-4, p. 107-127, jan.-dez. 1983.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980. 193 p.
- CARDOSO, Fernando Henrique. A revanche do professor [Entrevista a Marcos Augusto Gonçalves e Fernando de Barros e Silva]. *Folha de S. Paulo*, 17 maio 1992. Caderno Mais! p. 6-7.
- CARELLI, Mario. *Culturas cruzadas*: intercâmbios culturais entre França e Brasil. Trad. Nícia Adan Bonatti. Campinas: Papyrus, 1994. 272 p.
- DUVIGNAUD, Jean. Introdução à edição francesa de 2000. In: BASTIDE, Roger. *O candomblé da Bahia*. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 341-348.
- FÁVERO, Maria de Lourdes. *Universidade & poder*; análise crítica/fundamentos históricos (1930-1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1980. 203 p.
- FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária*. São Paulo: Ática, 1995. (Temas, 48). 200 p.

- FERNANDES, Florestan. Depoimento. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 10-13, p.75-114, 1981-1984.
- FERNANDES, Florestan. Entrevista a José Luís Silva. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1995. Caderno Mais! p. 4-5.
- FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo: Maltese, 1993. 330 p.
- GAMA, Ruy. Cooperação pós-colonial. In: HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. p. 41-47.
- GAUDEMAR, Antoine de. Ele colocou a questão da identidade brasileira. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 fev. 1997.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 248 p.
- HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. 363 p.
- LIMA, Rachel Esteves. *A crítica literária na universidade brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997. Tese (Doutorado em Estudos Literários-Literatura Comparada). 323 p.
- NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical*. Trad. Celso Nogueira. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 383 p.
- NOVAIS, Fernando. Braudel e a “missão francesa”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 161-166, set.-dez. 1994.
- PEIXOTO, Fernanda Arêas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: EDUSP, 2000. 224 p.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004. 304 p.
- PETTITJEAN, Patrick. Ciências, impérios, relações científicas franco-brasileiras. In: HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. p.25-39.
- PETTITJEAN, Patrick. As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo. In: HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. p.259-330.
- POLLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. 325 p.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 297 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Roger Bastide*. São Paulo: Ática, 1983. 208 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Roger Bastide, professor da Universidade de São Paulo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 215-220, set.-dez. 1994.
- ROLAND, Ana Maria. *Fronteiras da palavra, fronteiras da história*. Brasília: Editora UnB, 1997. 267 p.
- ROLLAND, Denis. A crise de um certo universalismo: o modelo cultural e político francês no século XX. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *Do positivismo à desconstrução: idéias francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004. p. 237-297.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 233 p.

SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, Rio de Janeiro: FINEP, 1979. 481 p.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 268 p.

SOARES, Eliane Veras. *Florestan Fernandes: o militante solitário*. São Paulo: Cortez, 1997. 144 p.

SOUZA, Gilda de Melo e. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980. 288 p.

VASCONCELOS, Gilberto. *O príncipe da moeda*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1997. 264 p.